



Identificando e Enfrentando o Bullying nas Escolas públicas e privadas de POA através de Círculos Restaurativos

Camila da Silva Fabis, Simone Thomaz Damin, Luciane Bueira Loureiro, Andréia Mendes dos Santos. Patrícia Krieger Grossi (orientador) Apoio: CNPq e UNESCO – Projeto Criança Esperança

Faculdade de Serviço Social - PUCRS

Introdução

O termo bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas entre pares causando dor e angústia, que ocorrem dentro de relações desiguais de poder (FANTE, 2005). O bullying é um problema mundial e tem sido manifestado tanto em escolas públicas como privadas. Beaudoin (2006) afirma que as escolas que não admitem a ocorrência de bullying entre seus alunos, ou desconhecem o problema, ou se negam a enfrentá-lo.

Em 2006, foram desenvolvidos projetos de pesquisa voltados para a avaliação de processo e resultados da aplicação de círculos restaurativos nas escolas, denominado *Projeto Justiça para o Século 21* como estratégia para a promoção da cultura de paz e difusão das práticas restaurativas nas escolas. A Faculdade de Serviço Social e o NEPEVI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Violência, em particular, tem acompanhado o projeto em 3 escolas pilotos desde 2007. A partir desta trajetória, identificamos o bullying como um tipo de violência recorrente no ambiente escolar. Sendo assim, este estudo tem o objetivo de investigar a efetividade dos círculos restaurativos na prevenção secundária de situações envolvendo bullying dentro das escolas pilotos do projeto.

A Justiça Restaurativa, é uma abordagem colaborativa e pacificadora para resolução de conflitos de forma não violenta. A prática da Justiça Restaurativa em Porto Alegre é realizada através dos chamados Círculos Restaurativos que é um momento onde todos os envolvidos sentam em Círculo como iguais, sem julgamentos e representações formais; em um primeiro momento ocorre a realização do Pré-Círculo onde se define o fato ocorrido e se informa individualmente a cada participante sobre os passos a serem seguidos no círculo. No

segundo, a realização do Círculo propriamente dita, em que as partes envolvidas no conflito se escutam e falam de suas necessidades na hora do conflito, até entrarem em um acordo para restaurar o laço fragilizado da relação e se co-responsabilizarem por suas ações presentes e futuras. No terceiro momento, a realização do Pós-Círculo tem o principal objetivo de avaliar se o acordo proposto no círculo se efetivou ou não (BRANCHER, 2007).

Segundo Marshall (2005, p.56):

“A Justiça Restaurativa se relaciona com um processo em que os afetados por uma ação anti-social se reúnem, num ambiente seguro e controlado, para compartilhar seus sentimentos e opiniões de modo sincero e resolverem juntos como melhor lidar com suas conseqüências.”

Este estudo tem o objetivo de conhecer e analisar o fenômeno bullying entre os jovens nas escolas de Porto Alegre, a partir dos tipos de preconceitos, intimidações, sentimentos e conseqüências da experiência; e avaliar a efetivação dos círculos restaurativos como estratégia de resolução não violenta de conflitos em situações envolvendo bullying nas escolas piloto do Projeto Justiça para o século 21.

Metodologia

Esta pesquisa é de caráter quantitativo e qualitativo, para aproximar-nos da realidade do bullying através dos círculos restaurativos na cidade de Porto Alegre. Está sendo utilizada a técnica de grupo focal junto aos alunos, com o objetivo de escutá-los em relação a determinada temática, neste caso a violência, a discriminação e a intimidação (bullying) no ambiente escolar e nos círculos restaurativos. Foram realizados seis grupos focais com 40 alunos, em média 8 por grupo. Também foram realizadas 6 entrevistas semi-estruturadas com os profissionais das escolas na perspectiva de complementar as informações, além de fornecer uma outra visão da realidade escolar, sob o olhar de educador e profissional. Foi realizada análise documental das guias de procedimento restaurativos através da análise de conteúdo de Bardin (1977). As entrevistas e grupos focais foram gravados e transcritos e submetidos à análise de conteúdo.

Resultados e Discussão

Na leitura das guias de procedimento restaurativo da escola estadual piloto, de cada 10 círculos restaurativos solicitados, 7 se caracterizavam como situações de bullying. Os vários tipos de intimidação intencional e repetida e a recorrência do conflito antes de chegar para a resolução no círculo evidenciava a existência do fenômeno na escola. Em casos mais sérios e

recorrentes de bullying investigados até então, os círculos não tem, ainda, possibilitado uma abordagem estanque do fenômeno bullying.

A partir dos grupos focais com alunos, identificamos que a aparência física é um dos fatores que mais motiva a prática do bullying (ex. peso, altura, raça/etnia), como pode ser evidenciado no depoimento a seguir:

“Aqui, nós chamamos um e outro por apelidos, é normal. A gente olha assim para a pessoa e vê o que tem para colocar um apelido.(risos...)”.

(R. 13 anos. Escola Piloto Estadual)

A prática de bullying tem causado sofrimento e desorganização na vida dos educandos, podendo também ocasionar depressão, evidenciada em situações de alunos que iniciaram tratamento com medicamentos em decorrência do bullying sofrido na escola. Segundo os coordenadores entrevistados na escola, os autores do bullying possuem pais com dificuldades na educação de seus filhos. Estes, quando solicitados à presença, não comparecem ou exigem da escola ações que são de competência da família, o que evidencia a necessidade de programas para uma maior inclusão da família na escola.

Entre as propostas de difusão da cultura de paz, as escolas têm realizado Círculos de Paz envolvendo 85 participantes entre professores, alunos e comunidade escolar. Nestes círculos, são elencadas ações concretas para suprir necessidades levantadas pelo grupo. Em uma das escolas, foram realizados 25 círculos restaurativos, envolvendo 148 pessoas no ano de 2008. No ano de 2009 foram realizados, até a presente data, 4 círculos envolvendo 34 pessoas e estão em andamento 2 círculos que envolverão 20 pessoas. Nas outras duas escolas piloto, são realizados em média 3 círculos restaurativos por ano em cada uma.

Os acordos mais frequentes são serviços comunitários prestados, na escola, no turno inverso ou na sua sala de aula (limpeza), o que demonstra a necessidade de transformar a cultura escolar que ainda está voltada a práticas punitivas e não restaurativas. Sugere-se para uma maior efetividade que o acordo esteja ligado ao fato ocorrido. Outros acordos realizados envolveram atividades como trabalhos de grupo, brincadeiras,etc., escrever cartas, bilhetes afetuosos, montar painéis com ações a realizar, desenhos.

Considerações finais

Os vários tipos de violência são vivenciados por todas as estratificações sociais sem exceções, aparecendo em escolas com diferentes níveis sócio-econômicos, como um reflexo

do que vem ocorrendo na sociedade. O não saber fazer dos professores diante dos conflitos, inerentes ao comportamento humano, potencializa uma desordem nas ações que a escola deve tomar como instituição responsável pela formação de cidadãos. Ficam aqui as sugestões de oficinas com os educadores na ressignificação de seus papéis dentro da escola, num processo de reflexão sobre as tarefas como mediadores de conhecimento e como sujeitos que aprendem ao ensinar, num processo dialético e inconcluso. Para Freire (1998, p.44) a reflexão sobre a prática é um momento fundamental, pois “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Esta prática também é responsabilmente articulada à formação crítica e a pesquisa, contribuindo para a emancipação individual e coletiva e para a transformação na sociedade. A justiça restaurativa, com os valores de respeito, igualdade, solidariedade, responsabilidade, honestidade, interconexão, empoderamento, entre outros contribui para a instauração de práticas dialógicas no meio escolar. Transformar a cultura punitiva escolar em uma cultura restaurativa constitui-se ainda um grande desafio para todos os envolvidos, mas a semente foi lançada.

Referências

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa- Portugal: Edições 70, 1979.

BEAUDOIN, MN. *Bullying e Desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRANCHER, L. *Justiça para o século 21: instituindo práticas restaurativas: Manual de Práticas Restaurativas*. Porto Alegre, RS, 2008.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários: à prática educativa*. 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MARSHALL, Chris, BOYACK, Jim, BOWEN, Hellen. *Como a Justiça Restaurativa assegura a boa prática: uma abordagem baseada em valores*. *Justiça Restaurativa Coletânea de Artigos*. 2005.